



ATA DA REUNIÃO PLENÁRIA 03/2016

No dia 29 de abril de 2016, às nove horas e quinze minutos, na sala 04 do Campus FURG-SAP, reuniram-se em plenária, sob a presidência do diretor do campus, prof. Antônio Luís Schifino Valente, os seguintes servidores: Adriano da Silva, Alex Leonardi, André Ricardo Rocha da Silva, Andréa Edom Morales, Carla Weber Scheeren, Carlos Roberto de Menezes Peixoto, Cláudia Maria Gomes da Cunha, Cristiano Gauterio Schmidt, Cristiano Rodrigues Garibotti, Cristina Benincá, Cynthia Castiel Menda, Darlene Arlete Webler, Edson Cordeiro do Valle, Fábio Ferreira Gonçalves, Fabio Dal Molin, Fernanda Arnhold Pagnussatt, Francine Silva Antelo, Gilber Ricardo Rosa, Hugo Ariel Lombardi Rodriguez, Itiara Gonçalves Veiga, João Paulo Borges da Silveira, Juliana Sartori Ziebell, Karin Ritter Jelinek, Lenise Guimarães de Oliveira, Lizandro Mello, Luciano Silva da Silva, Marcelo de Godoi, Marcelo Silveira Badejo, Márcia Helena Scherer Kurz, Neusa Fernandes de Moura, Patrícia Ignácio, Rene Carlos Cardoso Baltazar Junior, Roberto de Souza Gomes da Silva, Rosângela Menegotto Costa, Soledad Bech Gaivizzo e Toni Jefferson Lopes. Saudando os presentes, o senhor Diretor inicia a reunião lembrando que ela serve ao propósito de lançar contribuições às propostas para a estrutura e consolidação do Campus; nesse momento, todos os campi fora de sede estão discutindo estes tópicos, pois terá de haver uma solução em conjunto para submeter ao CONSUN. Retomando a última reunião, é necessário que se aprove um cronograma e roteiros das discussões que possam efetivar o debate, sem excessiva burocracia, buscando ao menos um consenso sobre a situação do Campus, como primeira grande discussão. Lembra que havia sido cogitada a vinda do Diretor do Campus de São Lourenço para colaborar, pelo trabalho de levantamento que já havia sido feito, mas como há uma premência de se iniciar logo os debates locais, decidiu-se por este formato de plenária o mais aberta possível para que se coloquem e resolvam as questões. Após lembrar o formato das questões que serão debatidas para o envio à Comissão Especial, o senhor Diretor propõe que o debate se centre, agora, numa simples questão: “QUE CAMPUS NÓS QUEREMOS?”, e que os servidores façam dessa reunião um momento de levantar pontos e cenários amplos; lembrando que as decisões devem ser tomadas em consenso dos presentes, abre então a palavra aos presentes. O professor Edson entende que o debate todo é pertinente, mas a estrutura deve ser consequência do planejamento estratégico, pensado para o futuro; indaga se o desejo do coletivo será de manter em cinco ou ampliar mais ainda os cursos; e pensando nisso, ainda não é o momento de saber se, por exemplo, a atividade de pesquisa no Campus ensinará a criação de um cargo de Diretor de Pesquisa do Campus ou equivalente. Dentro de um horizonte temporal visível, conclui, com o atual cenário político, devemos nos perguntar o que é mais viável, se manter bem os cursos atuais mais os próximos dois ou se investir na criação massiva de cursos. A professora Karin entende que deve-se partir do pressuposto de que o Campus jamais será independente, por não poder contar com estrutura própria de Pró-Reitoria, por exemplo; indaga, então, de que tipo de independência se está tratando aqui, e afirma que se for a financeira, é um momento muito complicado para este debate. Conclui, dizendo que o quadro é todo muito complicado, pois existem riscos inclusive de cortes de pessoal, o que está deixando inseguros vários colegas do IMEF que ainda estão em estágio probatório, o que leva a pensar que a prioridade estratégica é descobrir como se manter nessa crise. O professor Rene expõe que os colegas do Campus São Lourenço estão muito avançados na discussão, divididos em campos temáticos; alguns aspectos do que reflete nas condições do Campus o preocupam, como o índice de alunos por docente, que ele entende muito baixo; prossegue, informando que a média de tempo de Universidade de cada docente, no Campus SAP, é de 3,8 anos (sem contar com os professores Valente e Kokubun), o que nos torna um grupo muito jovem e inexperiente, onde 26% dos docentes está em estágio probatório; e conclui com a leitura do parágrafo único, artigo 5º do Estatuto da Universidade, sobre a natureza das Unidades Educacionais, sob o entendimento de que foram criadas visando a coesão de cada área do conhecimento para constituição de uma Unidade. O professor André coloca que, sobre independência, a questão estaria mais ligada a ter um Conselho local próprio, pela dificuldade sabida de articular processos sempre tendo de

vislumbrar ou hipotetizar sobre qual será a decisão da Unidade Acadêmica no mesmo. Precisamos, diz ele, podermos ser capazes de discutir nossos próprios problemas; não podemos ao mesmo tempo ficarmos isolados e sofrermos imposições, portanto, temos de ter certa autonomia quanto a nossos destinos, mesmo que isso não se reflita imediatamente na questão orçamentária. A professora Darlene observa que um Conselho no Campus poderia agilizar determinados encaminhamentos que hoje depende de burocracia e prazos das unidades. Ela menciona o exemplo da UFFS que foi criada no mesmo ano de criação do Campus SAP, tendo nascido multicampi em três Estados. Salaria aos presentes que o Campus SAP tem o diferencial em relação aos demais campi fora de sede de estar na região metropolitana de Porto Alegre, onde (até Serra) há a concentração de cerca de trinta por cento da população do Estado – e ainda assim, complementa, “somos uma instituição pouquíssimo conhecida” e, o que é pior, no contato direto, quando há divulgação junto a instituições e escolas, há certa reação de 'desdém' expressa por sermos um Campus de Universidade Federal que conta com apenas três cursos. A professora segue dizendo que há demandas nas regiões dos Vales – em especial, Vale dos Sinos e do Paranhana – que podem e devem, em seu entender, ser atendidas pela universidade pública. Chama a atenção para a necessidade de ousadia da universidade sobre sua expansão regional, como, por exemplo, os desafios de servidores estarem discutindo a proposição de novos cursos e a ampliação de áreas atualmente atendidas. Finda colocando que a pergunta “Que Campus nós queremos?” é o que temos de importante para basear a discussão nesse momento, pois é visível o consenso de que todos queremos permanecer aqui em Santo Antônio da Patrulha. A professora Karin entende que não se pode perder as identidades de grupos ligadas às Unidades Acadêmicas, o que vai ser perdido ao se sair delas; coloca que não deverá ser possível que as Unidades sigam querendo mandar professores para cá; afirma que o Campus SAP será definitivamente voltado para a área de Exatas; e compartilha com os presentes sua consternação quando os colegas do Campus São Lourenço afirmam a ela que o grupo de Santo Antônio da Patrulha quer ser independente. O senhor Diretor adverte que há muita circulação de informações imprecisas nos outros Campi que são alimentadas a partir do que é comentado lá de forma distorcida pelos colegas daqui, de assuntos que por vezes sequer foram discutidos. Segue lembrando que o cenário político nacional e local são delicados, pois haverá escolha de Reitoria este ano e há correntes de candidatura que desejam rever a política de campi fora de sede, e nesse contexto todo temos de fazer valer nossa força política como conjunto, temos de pensar em nosso campus nos contextos onde ainda somos vistos como mero problema. A técnica Cynthia observa que há a preocupação geral com a exigência do REUNI de cinco cursos de graduação para atender à consolidação do Campus, ao lado da exigência de que o Campus se volte à área de Exatas, o que necessariamente exclui de qualquer debate todo o restante. Segundo ela, há a necessidade fundamental de se criar uma *identidade institucional do Campus SAP*, coisa que ela ainda não vislumbra e deve ser trabalhada a partir das convergências, sob o risco de se paralisar qualquer iniciativa, com ou sem autonomia do Campus. O professor Luciano coloca que mesmo com autonomia, em certos aspectos seguiríamos sempre ligados à sede, com relação aos órgãos superiores como o CONSUN; e mesmo com uma localização privilegiada, a distância da sede nos alija de uma participação nesses foros da universidade que reflita em benefício. Aduz que unidades como o C3 não irão propor novos cursos aqui sem alguma certeza do que será sua participação nas novas estruturas dos Campi fora de sede; e que não se sente seguro de submeter suas atividades a uma estrutura heterogênea, que carecesse de competência acadêmica em sua área para avalia-las. O professor Alex narra que há muitos riscos surgindo com o cenário político nacional atual, de debates como o programa “Ponte para o Futuro” do provável próximo governo, e isso impõe “encurtarmos o passo” para que se pense com cautela cada situação; e sobre autonomia, entende que temos de pensar em termos de poder de barganha, fora de uma dicotomia do tipo “independência ou morte”; a urgência, finaliza, está em colocar a consolidação do Campus com os cinco cursos exigidos, devendo haver prioridade de ações quanto a isso. A professora Francine entende que não é problema pensar em grande escala para o Campus, mas deve haver um foco na manutenção do que já existe, mais do que em avanços, pois no cenário precário de hoje a grande incerteza é a da permanência do que já se conquistou. O professor Fábio Dal Molin expõe que participou das primeiras etapas da criação do Curso de Psicologia, hoje um setor enorme do ICHI por ter optado em situar-se fora das unidades da Saúde. Entende ele que há que se diferenciar

autonomia de autogestão, sendo esta mais voltada ao uso dos espaços administrativos já existentes para nortear os próprios rumos concretos e as ações necessárias, sendo necessário para tanto formar espaços de diálogo, onde se tratem os aspectos políticos, de trabalho e suas relações, entre outros; e concorda com a visão da professora Darlene de que o potencial do Campus é enorme e deve ser trabalhado. O professor Hugo vislumbra uma polarização no debate entre autonomia ou dependência, e se preocupa com a falta de transparência das questões orçamentárias, onde não surge imediatamente claro o peso do Campus nos recursos das Unidades Acadêmicas e o retorno desses recursos. A professora Karin afirma que não temos maturidade, como grupo de trabalho, para termos autonomia, pois “falamos mal uns dos outros, aqui e na sede, temos panelinhas, e isso vem me dando muito medo”; quanto aos cursos, entende que é necessário que haja o incentivo às licenciaturas funcionando no turno da noite. O professor Carlos Peixoto entende que o Campus SAP nasce com uma identidade de diferentes áreas juntas, ou seja, interdisciplinar, corroborando a fala da servidora Cynthia sobre a criação da identidade com os vínculos existentes aqui. A professora Patrícia coloca que a interdisciplinariedade concreta é difícil, pois a CAPES acaba trazendo os processos para um campo mais determinado; demonstra preocupação pelos resultados de alunos matriculados, que podem vir a ser interpretados fora de contexto em uma eventual retirada de recursos, e aponta que como não há maneira de mudar a cultura local, de trabalho durante o dia, deve haver esforços para implementação de cursos noturnos; e finaliza dizendo que não temos maturidade de discussão acadêmica pelo grupo ser muito jovem. A técnica Lenise relata que, do ponto de vista de alguém que é da cidade e fez sua formação dentro da FURG, não há como adiar a abertura de cursos noturnos, pois as pessoas da cidade e região não irão deixar de trabalhar para estudar, ainda mais com o retrocesso de bolsas e auxílios. O professor Adriano coloca que mesmo com a possibilidade de curso noturno, há que se prestar atenção na demanda, pois a oferta é pelo SISU, o que reflete em procura de muitas pessoas de fora da cidade; a independência do Campus deve compreender a capacidade de ter uma decisão de quais cursos interessam à comunidade, ao Campus e aos alunos acatada pelo CONSUN. O técnico Lizandro destaca que fala do ponto de vista de alguém que testemunhou o funcionamento da antiga estrutura departamental e o processo de mudança para a nova estrutura de Unidades Acadêmicas, bem como participação de anos em Conselho de Unidade e CONSUN; o histórico de formação da estrutura da Universidade que temos hoje passa por episódios de refazimento de votação para aprovar o novo Estatuto, e a estrutura dos Departamentos muito fechados em cada área do conhecimento deu lugar à construção política e consensual das Unidades Acadêmicas, o que, por um lado, abriu a estrutura à multidisciplinariedade e, por outro, produziu distorções como o caso da Psicologia não estar na área da Saúde, mas na das Humanas, por escolha dos docentes responsáveis por este curso, ou a própria FADIR que pôde ser criada sem os requisitos estatutários, sob a fé de que se procederia num prazo de dois anos para sanar esta questão. Portanto, dentro da Universidade, o peso político de grupos que se posicionam faz prevalecer a vontade em torno do qual fecham questão, e o Campus SAP, por ter um grupo humano muito novo, não se deixou contaminar ainda por vícios de grupos que contam com vinte, trinta anos de Universidade; e a discussão de “Que Campus nós queremos?” justamente deve ser posta a partir do ponto de vista de quem está aqui, pois não podemos nos socorrer do ponto de vista de unidades que têm quadros com vícios de décadas, pessoas que dispensam mudança. Prossegue, reafirmando não pretende voltar de forma alguma para Rio Grande e captou esse sentimento perpassando as falas dos presentes; sobre a questão de identidades de áreas e receio de diferenciação no trato de aprovação de projetos e outras levantadas pelos professores Karin e Luciano, relata a experiência do Conselho da FAMED, onde havendo várias e diversas áreas, sempre havia o consenso em prol da Unidade e a avaliação não-destrutiva de projetos, dentro do aspecto puramente formal dos mesmos, o que nunca trouxe demérito à pesquisa, ensino e extensão alheias; assim, havendo o uso das convergências para a construção de uma identidade do grupo, diz não crer ser possível que dentro da perspectiva de formação de nível superior de todos, haver espaço para infantilidades no que tange ao andamento de qualquer processo de participantes do Campus. Lista então as convergências de grupo que, sentidas no ambiente da reunião, já permitem começar a pensar numa identidade do coletivo que oriente as ações do Campus: o forte pertencimento à localidade de Santo Antônio e região; a necessidade da manutenção do Campus no cenário instável atual, com a consolidação dos cinco cursos o

quanto antes; a implementação de um foro, um espaço político de discussão que possibilite orientar a tomada de decisões de forma consensual e potente, também sendo o local de afluxo de idéias e debates, que hoje ainda não há no Campus, em que pese esta ideia já ter algum tempo mas ter vindo sendo adiada por receio de ferir algum estatuto; um foro de representação assim, no formato de um Conselho, deve ser capaz de ilustrar de maneira potente as posições do Campus perante outros espaços de exercício de poder da Universidade, como o CONSUN e COEPEA, mediante o registro escrito dos debates e decisões, feitas em consenso e endossadas pela coletividade do Campus SAP. Ilustra aos presentes que embora possa parecer difícil obter uma decisão favorável de Conselho Superior da Universidade, de fato o que ocorre é que o Conselho vota pouco afastado do que está no relatório que encaminha a discussão, pela confiança depositada nos relatores, nas câmaras, enfim, em quem orienta cada processo aos Conselhos; isso deve refletir, localmente, na perda do receio em propor as nossas políticas à administração superior no Campus sede. Aduz que hoje a representação do Campus na sede é pouca, feita indiretamente através das Unidades que têm representantes lotados aqui; assim, urge que com a próxima escolha para o CONSUN e COEPEA haja a mobilização para alçar uma chapa com nomes de consenso, para que possamos ter inserção, representação, voz nos conselhos, o que nos manteria atualizados diretamente com as políticas da Universidade, sem intermediação. O professor Luciano sugere que, dentro da discussão da estrutura dos Campi fora de sede, seja prevista a alteração de estatuto para que se preveja uma vaga natural nos Conselhos para representação de cada Campus. Retomando, o técnico Lizandro reforça que se tivermos, a essa altura, respaldo de uma decisão consensual, documentada e estudada pelo coletivo, vai cair com um peso maior sobre quem tiver de definir estrutura, pois não vislumbra um gestor que contrarie tão frontalmente uma coletividade acadêmica. O peso de um consenso da coletividade do Campus, num momento de refreamento de ações por conta do cenário político, é crucial visando defender o que se conquistou e a partir dessa manutenção pensar o projeto para uma ou duas décadas; finaliza dizendo que “é muito maior do que uma mera estrutura aquilo que queremos ser, porque a estrutura será o reflexo daquilo que irá ordenar nossas ações – o que iremos almejar como instituição, seja da grandeza que for, está indefinido; antes de nos perguntarmos *porquê*, devemos nos perguntar *porque não?*”; e com o potencial humano deste Campus temos capacidade exponencial de crescimento, como Campus, como FURG, como instituição autônoma, nada pode ser descartado. O professor Alex propõe a **oferta de curso de especialização lato sensu de Sistemas Agroindustriais**; a professora Fernanda disse que alguns professores já haviam falado sobre a possibilidade de ofertar outro **curso de especialização lato sensu em Segurança Alimentar**; e a professora Karin está coordenando uma proposta de **mestrado profissional (stricto sensu) de Educação em Exatas**; estando esses cursos já formatados, haveria o fortalecimento da consolidação do Campus; a professora Karin entende que não há tempo, neste ano, de passar essa proposta por todas as etapas na Universidade, o que impediria a abertura destes cursos. A professora Fernanda refere que já há conversações adiantadas com a PROPESP e o Polo Universitário para a criação de uma pós lato sensu em Segurança Alimentar. A professora Karin propõe que haja entrada anualmente intercalada, uma turma à tarde e outra à noite, par ao curso de Licenciatura em Ciências Exatas, pois assim poderia haver a oferta noturna sem passar todo o QSL e curso para o turno da noite, que implicaria em um novo curso totalmente diferente. O técnico Lizandro propõe então aos presentes que nesta reunião haja a **instauração de um Conselho do Campus**, que seja integral, ou seja, com a participação de todos os servidores aqui lotados, com a forma de representação sendo debatida a partir dele; este Conselho deve obedecer às formalidades de praxe, como calendário de reuniões, pauta, presidência, registro em Ata submetida à aprovação. Propõe também a elaboração de um documento-base, a partir das discussões, de compromisso ou **pacto pelo Campus**, a partir daqui e com respaldo comunitário; a razão de ter esse documento é de contar com apoio firme na hora de enfrentar questões extra-universidade, como infraestrutura local e regional, relações com outras esferas do poder público, que vão entrar nas variáveis, por exemplo, de abertura de cursos noturnos. O senhor Diretor retoma a palavra e, saudando o debate promissor estabelecido, e ressalta os pontos de convergência dos presentes: resolução em permanecer em Santo Antônio da Patrulha, coesão para a consolidação do Campus, gestão para a oferta de cursos noturnos, que devem ser urgentemente concretizados. Aduz que a resolução sobre os cursos deve passar pela PROGRAD, e devemos envidar esforços, pois o

prazo é muito exíguo e há a dependência da EQA para que se possa, aproveitando recursos humanos e materiais já existentes, estabelecer o novo curso de Engenharia Química. O senhor diretor submete **à aprovação dos presentes as propostas de: criação do Conselho do Campus FURG-SAP**, composto pela totalidade dos servidores aqui ativos; **elaboração de proposta dos cursos lato sensu** para o Campus FURG-SAP; **de trazer o Diretor do Campus São Lourenço** para apresentar os estudos conduzidos sobre estrutura de Campi fora de sede; e **de marcar a primeira reunião do Conselho do Campus para treze de maio próximo; todas as propostas são aprovadas pela unanimidade dos presentes**. O senhor diretor então despacha os seguintes **encaminhamentos**: que uma proposta de regulamentação do Conselho sob os marcos normativos da Universidade seja apresentada pelo técnico Lizandro na próxima reunião, que deve ser a primeira desse Conselho, no dia treze de maio; que as propostas dos cursos lato sensu fiquem a cargo dos professores Alex e Fernanda; que o técnico Lizandro faça o levantamento de como se dará a próxima escolha de membros para o CONSUN e COEPEA; e de que todos os servidores busquem ouvir os seus colegas dos Campi fora de sede para que se situem nas discussões. Feitas as considerações de encerramento, nada mais há a registrar desta reunião finda às onze horas e quarenta e cinco minutos, da qual eu, Lizandro Mello, atuando *ad hoc* como secretário, lavro a presente ata que vai por todos assinada após sua aprovação.